



Carta de Descartes a Elisabeth

Novembro de 1646¹

Senhora,

Vossa Alteza fez-me um favor muito grande quando quis que eu soubesse, por suas cartas, do sucesso de sua viagem, e que chegou felizmente num lugar onde, sendo grandemente estimada e querida por seus próximos, parece-me que tem tantos bens quanto se pode desejar razoavelmente nesta vida. Pois, sabendo da condição das coisas humanas, seria importunar demais a fortuna esperar dela tantas graças que não se pudesse, mesmo em imaginação, encontrar nenhum motivo de incômodo. Quando não há absolutamente objetos presentes que ofendem os sentidos, nem alguma indisposição no corpo que o incomode, um espírito que segue a verdadeira razão pode facilmente se contentar. E não é preciso, para tanto, que ele esqueça nem que negligencie as coisas distantes; é suficiente que ele trate de não ter nenhuma paixão por aquelas que lhe podem desagradar: o que não repugna absolutamente à caridade, porque se pode frequentemente melhor encontrar remédios para os males que se examinam sem paixão do que para aqueles pelos quais se é afligido. Mas, como a saúde do corpo e a presença de objetos agradáveis ajudam muito o espírito a afastar de si todas as paixões que participam da tristeza, e a permitir a entrada daquelas que participam da alegria, assim, reciprocamente, quando o espírito está pleno de alegria, isto serve muito para fazer com que o corpo comporte-se melhor e que os objetos presentes pareçam mais agradáveis.

E até ousar crer, também, que a alegria interior tem alguma força secreta para tornar a fortuna mais favorável para si. Não gostaria de escrever isto às pessoas que têm o espírito fraco, por medo de induzi-las a alguma superstição; mas, em relação a Vossa Alteza, tenho somente medo que ela faça troça ao ver-me tornar demasiado crédulo. Todavia, tenho uma infinidade de experiências, e com elas a autoridade de Sócrates, para confirmar minha opinião. As experiências são que frequentemente notei que as coisas que fiz com o coração alegre, e sem nenhuma repugnância interior, costumam suceder-me felizmente, até mesmo ao ponto de, nos jogos de azar, nos quais há apenas a fortuna que reina sozinha, sempre a experimentei mais favorável tendo outros motivos de alegria que quando os tinha de tristeza. E o que se nomeia comumente o gênio de Sócrates não foi sem dúvida outra coisa senão que ele tinha se acostumado a seguir suas inclinações interiores e pensava que a ocorrência daquilo que empreendia seria feliz, quando tivesse algum sentimento secreto de alegria e, ao contrário, que seria infeliz, quando estivesse triste. É verdade, no entanto, que seria ser supersticioso crer tanto nisto quanto se diz que ele o fazia; pois Platão relata sobre ele que até mesmo permanecia em casa todas as vezes que seu gênio não o aconselhava a dela sair. Mas, no tocante às ações importantes da vida, quando elas se encontram tão duvidosas que a prudência não pode ensinar o que se deve fazer, parece-me que se tem grande razão em seguir o conselho de seu gênio, e que é útil ter uma forte persuasão

¹ B Let 2316-2318; AT IV 528-532.

de que as coisas que empreendemos sem repugnância, e com a liberdade que ordinariamente acompanha a alegria, não deixarão de nos ser bem sucedidas.

Assim, ousou aqui exortar Vossa Alteza, visto que ela se encontra num lugar onde os objetos presentes não lhe dão senão satisfação, que lhe apraza, também, contribuir com o seu para tratar de se tornar contente; o que ela pode, parece-me, facilmente, ao não deter seu espírito senão nas coisas presentes, e não pensando jamais nos afazeres, a não ser nos momentos em que o mensageiro está prestes a partir. E presumo que seja uma sorte que os livros de Vossa Alteza não lhe puderam ser trazidos tão cedo quanto os esperava; pois sua leitura não é tão própria para conservar a alegria quanto para trazer a tristeza, principalmente aquela do livro deste doutor dos Príncipes, que, não representando senão as dificuldades que eles têm para se manter, e as crueldades ou perfídias que ele os aconselha, faz com que os particulares que o leem tenham menos motivo para invejar do que para ter pena de sua condição. Vossa Alteza notou perfeitamente bem as faltas dele e as minhas; pois é verdade que foi o propósito que teve de louvar César Borgia que o fez estabelecer máximas gerais para justificar ações particulares que dificilmente podem ser desculpadas; e li, depois, seus discursos sobre Tito Lívio, no qual não notei nada de mau. E seu principal preceito, que é o de extirpar inteiramente seus inimigos, ou bem torná-los seus amigos, sem jamais seguir a via do meio, é sem dúvida sempre o mais seguro; mas, quando não se tem nenhum motivo para temer, não é o mais generoso.

Vossa Alteza também notou muito bem o segredo da fonte miraculosa, no fato de que há diversos pobres que dela divulgam as virtudes, e que são, talvez, contratados por aqueles que disso esperam lucro. Pois é certo que não existe nenhum remédio que possa servir a todos os males; mas, muitos tendo usado deste, aqueles que se deram bem com ele, dele falam bem, e não se fala, absolutamente, dos outros. Como quer que seja, a qualidade purgativa que há numa destas fontes, e a cor branca com a doçura e a qualidade refrescante da outra, dão motivo para julgar que elas atravessam minas de antimônio ou de mercúrio, que são duas drogas más, principalmente o mercúrio. É por isso que não gostaria de aconselhar ninguém a bebê-las. O vitríolo e o ferro das águas de Spa são bem menos temíveis; e porque tanto um quanto o outro diminuem o baço e evacua a melancolia, eu os estimo.

Pois Vossa Alteza me permitirá, se lhe apraz, terminar esta carta por onde a comecei, e desejar-lhe principalmente satisfação de espírito e alegria, como algo que seja não somente o fruto que se espera de todos os outros bens, mas também frequentemente um meio que aumente as graças que se tem por adquiri-los; e ainda que eu não seja capaz de contribuir com nada que se relacione ao vosso serviço, senão somente por meio de meus desejos, ousou, no entanto, assegurar que sou, mais perfeitamente que qualquer outro que haja no mundo etc.

Tradução e nota:

Carmel Ramos (PPGLM/UFRJ), Felipe de Andrade (PUC Rio) e Maxime Rovere (PUC-Rio)

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.